

mente a espanhola, como a do título do livro. Observe-se também que os textos alusivos à Antiguidade clássica poderiam ter sido agrupados com uma continuidade epocal, partindo da Grécia para Roma. Uma nota ainda para o nome *Licinia*, grafado de formas distintas na mesma colaboração – Liscinia, Lascinia, Licinia (cf. sobretudo pp. 451-460). Estes aspetos não diminuem o mérito da visão de conjunto proporcionada por esta pluralidade de abordagens, particularmente favorecedora da apreciação da diversidade de figuras, funções e finalidades das personagens secundárias que, desta feita, não estão “a la sombra de los héroes”.

SUSANA MARQUES

Universidade de Coimbra

smp@fl.uc.pt

[http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718\\_67\\_17](http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_17)

DUBEL, Sandrine, Favreau-Linder, Anne-Marie, Oudot, Estelle, dir.: *À l'École d'Homère. La culture des orateurs et des sophistes* (Paris, Éditions Rue d'Ulm/Presses de l'École normale supérieure, 2015) 295 p. ISBN 9782-7288-0526-6.

Na origem deste livro está um colóquio internacional realizado em 2010 nas Universidades de Clermont-Ferrand e Borgonha, dedicado ao tema «Homère rhétorique. Études de reception antique». O colóquio teve um carácter ambivalente, com uma primeira parte centrada na «retórica de Homero», propriamente dita, e uma segunda parte focada nas práticas e estratégias oratórias inspiradas pelos Poemas Homéricos.

Assim, e sem deixar de lado esta sistematização, a primeira parte deste livro trata sobretudo do papel de Homero nos exercícios retóricos da Antiguidade, como aqueles em que o aluno imaginava o discurso de um dos heróis homéricos (etopeia ou declamação). A segunda parte do livro explora a forma como o modelo homérico se tornou um referente familiar para o discurso retórico. Deste modo, o livro apresenta um conjunto de análises que vão do século V a.C. à Bizâncio do século XII, sob o signo de Homero.

«Homère, le premier des Sophistes?» é o texto de F. Kimmel-Clauzet (pp. 19-30), que cumpre a função de abrir o livro e no qual a A. conclui que as formas escolhidas pelos retores posteriores a Homero eram já bastante próximas das que encontramos nos Poemas Homéricos.

Uma primeira sub-parte, intitulada «Grecs et Romains à l'École d'Homère», é constituída por cinco textos. Neles, considera-se o recurso a Homero durante o período da chamada primeira sofística (R. Ahern Knudsen, «Homer in the First Sophistic», pp. 33-45), a presença do Poeta na retórica latina (D. Van Mal-Maeder, «*Testis Carminum Antiquitas*. Homère dans la rhétorique et les déclamations latines», pp. 47-60), a utilização dos Poemas Homéricos pelos retores e sofistas do Egipto (P. Cauderlier, «*Deux parerga homerica* (Ier et Iie siècles) ou l'utilisation des textes homériques par le *rhétorikos* et le *sophistès* dans la province d'Égypte», pp. 61-71), o uso de Homero pelos exercícios retóricos do período imperial (F. Robert, «La présence d'Homère dans les *progymnasmata* d'époque impériale», pp. 73-86) e o simbolismo de Aquiles (B. Schouler, «Pour les sophistes, Achille ne fut-il que colère?», pp. 87-102). Em síntese, este conjunto de cinco textos aborda essencialmente a recepção de Homero na literatura sofística e o seu uso pela retórica antiga, confirmando a ideia de que os Poemas Homéricos se constituíram como uma espécie de cânone cultural dos Gregos. Com base nele, construíram-se arquétipos e modelos que ao serviço das variadas ideologias culturais se confirmaram como parte estruturante do Mundo Antigo.

Uma segunda sub-parte, intitulada «Stratégies rhétoriques: modèles et détournements», consta igualmente de cinco textos que se centram sobretudo nos Poemas Homéricos enquanto modelos de argumentação retórica. Este grupo analisa assim o tema da Guerra de Tróia no discurso de Ulisses no *Cíclope* de Eurípides (J. Peigney, «La Guerre de Troie dans le discours d'Ulysse à Polyphème chez Euripide (*Cyclope* 285-312)», pp. 105-114), Homero como modelo inspirador de Isócrates (M. Tamiolaki, «Homère chez Isocrate: source de rivalité ou d'inspiration?», pp. 115-131), o recurso a citações homéricas em textos de Díon de Prusa (D. Kasprzyk, «Homère Travesti», pp. 133-149), o modelo homérico na obra de Élio Aristides (L. Miletti, «Homère comme modèle pour l'éloge de soi-même», pp. 151-162) e na obra de Luciano, levando em conta o diálogo entre a sofística e a filosofia (M. Briand, «L'Homère paradoxal de Lucien», pp. 163-172). Com estes contributos conclui-se sobretudo acerca da utilização dos Poemas Homéricos e respectivos modelos em fórmulas retóricas posteriores.

A terceira sub-parte, «Enjeux critiques», é composta por três textos que mantêm as abordagens em torno da recepção homérica ainda na Antiguidade, desta vez em autores como Xenofonte (S. Gotteland, «Homère dans les écrits socratiques de Xénophon», pp. 175-189), Plutarco (K. Oikonomopoulou,

«Rhetoricians on Homer», pp. 191-201) e Filóstrato (R. Webb, «Homère dans les *Images* de Philostrate», pp. 203-214).

A recepção mais recente, sem contudo deixar de ser antiga ou tardo-antiga e medieval, dos Poemas Homéricos é tratada essencialmente na quarta sub-parte, «Héritages». A presença de Homero no substrato cultural do século V (A. Pizzone, «Thersite au bord du Nil», pp. 217-228), Homero na cosmovisão vândala (A. Stoehr Monjou, «Une réception rhétorique d'Homère en Afrique vandale: Dracontius (*Romulea* VIII-IX)», pp. 229-238), e em contextos já bizantinos (D. Pralon, «Les personnages d'Homère selon Isaac Comnène Porphyrogénète», pp. 239-246 e M. Loukaki, «L'univers homérique dans les éloges impériaux du XIIIe siècle à Byzance», pp. 247-257) são os temas de dão corpo a esta última parte.

No final, confirma-se a presença e importância do Poeta educador da Grécia nas culturas antiga e medieval, o que por si só justifica a pertinência deste livro em boa hora publicado. Uma bibliografia final acompanha a totalidade dos textos, bem como um índice de autores e de passos citados, da maior utilidade para a edição e para os investigadores que doravante a ela recorrerem.

NUNO S. RODRIGUES

Universidade de Lisboa

nonnius@letras.ulisboa.pt

[http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718\\_67\\_18](http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_18)

FORD, Philip Bloemendal, Jan and Fantazzi, Charles (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin world*. [Vol. 1]: *Macropaedia*, 919 p. [vol. 2] *Micropaedia*, 920 p. Leiden - Boston : Brill, 2014. ISBN: 9789004265721.

*Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin world*, editada por Philip Ford, Jan Bloemendal e Charles Fantazzi. Leiden ; Boston : Brill, 2014 é o número 3 da Série *Texts and Studies* da *Renaissance Society of America*, distribuída por dois volumes, *Macropaedia* e *Micropaedia*, com uma totalidade de mais de 1800 páginas, em duas colunas cada.

O título e o perfil desta obra monumental constitui mais um sinal do fenómeno que os editores apontam no universo editorial científico: o renascer do interesse académico pelas obras de referência, que outrora receberam a designação de Compêndio, Manual ou simplesmente Enciclopédia.